



ELOGIO DO RISO

De Hajo Schüler, Maria Rueff, Rodrigo Francisco

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, até dia 30

Há cerca de quatro anos, a atriz Maria Rueff propôs a Rodrigo Francisco — dramaturgo, encenador e diretor do Teatro Municipal Joaquim Benite — fazerem um espetáculo de comédia. Começaram por estabelecer uma bibliografia inicial, que foi aumentando desmesuradamente, e que os levou a ler muito daquilo que tinha vindo a ser escrito sobre o riso, desde que o teatro apareceu na antiga Grécia. Entretanto, juntou-se um terceiro criador, Hajo Shüller, da companhia Familie Flöz, cujo trabalho incide sobre o uso da máscara e sobre o teatro físico. De entre os autores consultados, e no seguimento da leitura de um livro do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, leram um texto do escritor italiano Aldo Palazzeschi, chamado “A Contrador” (1914). Nele, o autor, que integrou o grupo dos futuristas italianos, para depois dele se demarcar, defende a ideia de uma supremacia do riso sobre a dor. A dor é transitória, o riso é eterno; a vocação do homem privilegia o riso, ninguém vive, trabalha e sofre para chorar, mas sim para rir com alegria. O riso aprende-se, e deve ser ensinado às crianças desde cedo; no entanto, só conhece o verdadeiro riso quem enfrentou a dor e a conheceu profundamente. Assim nasceu o “Elogio do Riso”, um monólogo em que Maria Rueff cria uma personagem que espera, num teatro, a chegada de uma companhia que vem representar Shakespeare. É um espetáculo feito de situações, e não de palavras, que são meramente episódicas. E é um espetáculo que homenageia, também, quer todos os cómicos que contribuíram para uma supremacia do riso e da alegria, quer os mestres que foram decisivos para a vida da atriz. O riso, como o teatro, é uma coisa que se ensina e que se aprende.

/ **JOÃO CARNEIRO**

E ainda...



PAULO PIMENTA

SANTA JOANA DOS MATADOUROS

De Bertolt Brecht

Teatro Carlos Alberto, Porto, até domingo

A peça de Brecht tem como fundo e ponto de partida a grande crise económica, financeira e laboral que afetou o Ocidente a partir de 1929, e o espetáculo do Teatro da Didascália, com dramaturgia e encenação de Bruno Martins, acentua para os dias de hoje a dificuldade em efetivar, em contextos de incontrolada exploração social e económica, políticas orientadas por critérios de honestidade e justiça social.

UMA SOLIDÃO DEMASIADO RUIDOSA

A partir de Bohumil Hrabal

Auditório Municipal do Seixal, domingo

António Simão, ao longo dos anos, tem voltado e este espetáculo sempre novo, dando corpo e voz a um homem que vive por entre livros destinados a ser prensados, mas que atravessam a personagem com palavras, memórias e uma permanente reflexão, algo melancólica, sobre a arte na vida das pessoas.



FRANCISCO LOBO

A PRIMEIRA VEZ

Tiago Correia

Cine-Teatro Paraíso, Tomar, sábado

Um rapaz e uma rapariga encontram-se num parque, naquilo que é a primeira descoberta mútua de ambos. Esse encontro é, também, um percurso para a verdadeira intimidade e para o conhecimento da realidade interior de cada um deles. Espetáculo de A Turma, texto e encenação de Tiago Correia, interpretação de Francisca Sobrinho e Rafael Paes.